

INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: IMPLICAÇÕES DA AFETIVIDADE E INTERAÇÃO NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA EDUCACIONAL

Amanda Vitoria Corcino de Carvalho¹
Fernanda Karina Vieira da Silva²
Katia Regina Lopes Costa Freire³

RESUMO

Este artigo apresenta como objetivo refletir acerca da inclusão dos estudantes com Necessidades educacionais específicas (NEE) a partir da ótica da Psicologia Educacional, enfatizando o papel da interação e da afetividade como agentes nesse processo. Consiste em um estudo de revisão bibliográfica, embasado nas obras de Vygotsky (2007) e Wallon (2007). A Educação inclusiva consiste no direito de todos a efetiva participação dos processos educacionais, aprendizagem de qualidade e ascensão aos diferentes níveis de ensino, inclusive aos estudantes com NEE. Para o sucesso deste processo, além da necessidade de aspectos como a intersetorialidade e a multiprofissionalidade, é essencial que a inclusão seja contemplada na formação inicial e continuada dos docentes, tendo o diálogo com a Psicologia Educacional apresentado resultados profícuos. Lev Vygotsky (2007), enfatiza a importância da cultura no desenvolvimento cognitivo dos sujeitos, tendo a interação como condição para que a aprendizagem ocorra. Wallon (2007) defende que as emoções e as relações afetivas são fundamentais para o desenvolvimento humano, e que a afetividade não é algo secundário, mas sim essencial na constituição do ser humano desde as mais tenras idades. Compreendemos que a inclusão é um processo que deve ocorrer de forma colaborativa entre toda a comunidade escolar, equipe multiprofissional e responsáveis pelo aluno e que na Educação Infantil, assume alguns desafios próprios. A adaptação ao ambiente escolar na Educação Infantil e o processo de desenvolvimento das crianças nesta faixa etária, enfatizam a importância dos aspectos apresentados por Vygotsky e Wallon em seus estudos. Dessa forma, o aprofundamento da compreensão dos conceitos “interação” e “afetividade” e sua relação com as práticas pedagógicas desenvolvidas na Educação Infantil, podem contribuir significativamente para o processo inclusivo dos estudantes público-alvo da Educação Especial na perspectiva da Inclusão.

Palavras-chave: Educação Inclusiva, Interação, Afetividade.

¹ Graduanda pelo Curso de Pedagogia Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, amanda.carvalho.121@ufrn.edu.br;

² Graduanda pelo Curso de Pedagogia Licenciatura da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, karina.silva.150@ufrn.edu.br;

³ Orientadora. Doutora. Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). katia.regina.freire@ufrn.br.



INTRODUÇÃO

O artigo apresenta a temática de inclusão na educação infantil, por meio da relação entre afetividade e interação. A inclusão escolar é um direito garantido por diversos dispositivos legais e políticos brasileiros, como a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), no artigo quinquagésimo nono, que garante o atendimento às necessidades de crianças com NEE (Necessidades Educacionais Específicas) nas instituições, mas que ainda enfrenta desafios no que diz respeito à sua efetivação.

Sendo assim, as barreiras como arquitetônicas e atitudinais, dependem da participação colaborativa de todos os atores envolvidos: professores, estudantes, gestão escolar, profissionais da educação especial e a equipe multiprofissional, para garantir o desenvolvimento do ensino-aprendizagem de forma igualitária.

Somado a isso, de acordo com os estudos de Lev Vygotsky e Henri Wallon, o desenvolvimento da criança na educação infantil é marcado por mudanças emocionais, sociais, cognitivas e psicológicas profundas, promovida pelas relações sociointeracionistas e consistindo em uma fase essencial para o desenvolvimento humano.

Dessa forma, a educação infantil é uma fase de descobertas, onde a criança tem contato com o mundo, através da mediação dos professores, estimulando o desenvolvimento de um pensamento crítico e a autonomia. Para que as crianças com NEE (Necessidades Educacionais Específicas) tenham experiências equitativas de aprendizagem e desenvolvimento, faz-se necessário a acessibilidade plena e elaboração de novas estratégias pelo docente.

Com isso, a inclusão na educação infantil, dá sentido a um mundo que é visto de forma diferente, através de atividades que estimulam o crescimento psíquico da criança. As metodologias aplicadas na instituição precisam ser dirigidas pelo projeto político pedagógico (PPP), que garante a realização desses processos, pois todo o ambiente deve ser construído pensando na criança, com uma estética e mediação apropriada para estimular um pensamento crítico social.

Nesse viés, essa pesquisa se embasou na abordagem dos teóricos Lev Vygotsky e Henri Wallon, além da análise de artigos disponíveis no Google acadêmico sobre a temática. Por conseguinte, este artigo tem o intuito de refletir acerca da inclusão dos estudantes com necessidades educacionais específicas (NEE) a partir da ótica da psicologia educacional, enfatizando o papel da interação e da afetividade como agentes



nesses processos, através da análise dos relatos de experiência de inclusão na educação infantil.

METODOLOGIA

Essa pesquisa consiste em uma revisão bibliográfica, que para Fonseca (2002) é feita a partir do levantamento de referenciais teóricos já analisados, e publicados por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos e páginas de web sites. Sendo também de abordagem qualitativa, que para Goldenberg (1997) refere-se ao aprofundamento da compreensão de um grupo social. Com isso, utilizamos também a análise de conteúdo para Bardin (1977), que assim divide nossa pesquisa em fases, sendo elas, pré-análise, exploração do material, categorização, tratamento dos resultados, interferência e interpretação. Diante disso, foram eleitos 5 artigos científicos para a análise neste artigo.

Em pesquisa de levantamento de dados no Google Acadêmico, usamos os descritores “inclusão, educação infantil e psicologia educacional” e foram encontrados um total de 20 (vinte) resultados, entre eles, TCCs (trabalho de conclusão de curso), artigos, revistas e links vazios. Considerando como critérios de inclusão, somente os artigos que estavam disponíveis na íntegra, escritos em idioma nacional oficial, pertencentes à primeira e segunda página de busca.

Nessa primeira fase, analisamos todos os resultados, por meio de leitura flutuante e atestamos que pouco encontramos sobre a psicologia educacional relacionado com a inclusão na educação infantil. Diante destes, ao passar pelos critérios, encontramos e realizamos a leitura e análise de todos os 15 (quinze) artigos que passaram na primeira fase de seleção. Nessa segunda fase, buscamos informações referente a psicologia educacional e como seus teóricos se relacionam com a inclusão e a afetividade na educação infantil. Poucos desses artigos trouxeram essa temática, quase nenhum apontava para o caminho da psicologia educacional e suas teorias.

Sendo assim, na terceira fase, foram selecionados apenas 8 (oito) artigos para uma análise mais aprofundada, sendo selecionados apenas 5 (cinco) artigos que atendiam as categorias eleitas. Diante disso, após as análises, foram eleitas duas categorias que serão apresentadas e discutidas a seguir: os relatos de casos apresentados nos artigos, com ênfase na experiência de sala de aula e como a afetividade influencia no fazer pedagógico;



e o sentimento de insegurança relatado por muitos professores e como isso pode afetar na interação.

REFERENCIAL TEÓRICO

A inclusão é uma proposta de escola para todos, em que as diferenças são tratadas como valores e não como problemas. Nesse sentido, a escola passa a ser um espaço de transformação para o acolhimento da diversidade humana como riqueza. A inclusão rompe com a barreira assistencialista e a visão comumente incentivada de que os alunos com necessidades específicas precisam se encaixar em padrões de ensino e escola.

Na idade média, com o cristianismo aparece a concepção caritativa e a ideia de que as pessoas com deficiência também tinham alma. Na idade moderna, com os avanços da ciência médica aumentou o acompanhamento e a ideia de cura e normalização. Na idade contemporânea surgem visões mais abertas e alguns caminhos para a inclusão, pois a guerra transformou líderes políticos, pessoas das famílias, colegas de trabalho, em pessoas com deficiência, sequeladas do pós-guerra, com a luta passa-se a ter vários avanços documentais, surge a discussão na Constituição Federal Brasileira (CFB, 1988), Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH, 1948), Declaração de Salamanca em 1994, Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015) e a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2008).

Ainda assim, os desafios para a efetivação de oportunidades equitativas de aprendizagem na Educação Infantil, persistem e, por sua vez, esses desafios estão ligados a múltiplas dimensões: formação continuada de professores; falta de recursos pedagógicos, ausência de materiais/recursos e avaliações acessíveis; estrutura física do ambiente escolar; resistência e preconceito; planejamento pedagógico pouco inclusivo; apoio familiar. Embora haja importantes conquistas documentais como as citadas acima, a área da educação e seus profissionais ainda enfrentam dificuldades na implementação e eficácia de boa articulação entre todos esses aspectos que fazem parte do processo de inclusão.

Estando atento a tudo isso, podemos ressaltar conceitos importantes da teoria de Lev Vygotsky e Henri Wallon, objetivando compreender os processos do desenvolvimento e como a interação e a afetividade podem auxiliar nessa relação.

A interação para Vygotsky (2007) está presente nas relações que o indivíduo estabelece no coletivo, que podem ser mediadas por algo ou alguém, como é o caso da



ZDP (Zona de desenvolvimento proximal), que necessita da mediação do educador. As experiências vivenciadas pela criança no decorrer do seu crescimento, promovem uma potencialização em habilidades, no desenvolvimento e no ensino-aprendizagem, pois as interações com o outro provoca uma construção do pensamento, para ele essas trocas trazem mudanças comportamentais e psíquicas, devido a interligação do pensamento e linguagem, que auxilia na estrutura crítico social, ou seja, estimula a criança a elaborar seus próprios conceitos, por meio dos conhecimentos antes expostos.

Para o psicólogo, a afetividade não pode ser dissociada do pensamento ou da aprendizagem, é uma área indispensável do ser humano. A afetividade é a base que impulsiona ou dificulta a atividade cognitiva e intelectual, orienta a motivação para aprender de acordo com os estímulos ofertados de forma intencional, uma vez que está diretamente ligada às interações do indivíduo com tudo que é social. Com isso, toda a atividade mental tem um plano ligado à vontade, motivação e emoções.

Quem separa o pensamento do afeto nega de antemão a possibilidade de estudar a influência inversa do pensamento no plano afetivo. [...] A vida emocional está conectada a outros processos psicológicos e ao desenvolvimento da consciência de um modo geral. (VYGOTSKY, apud ARANTES, 2003, p.18).

Dessa maneira, durante o desenvolvimento da criança os estímulos sociais auxiliam diretamente na construção do ensino e aprendizagem, como a interação e afetividade, termos utilizados pelos teóricos Lev Vygotsky (2007) e Henri Wallon (2007). Estes têm impacto no comportamento e nas atividades psíquicas. Sendo que há interação para a socialização do meio externo, dependendo das circunstâncias propostas, podendo modificar conceitos pré-estabelecidos devido às trocas de experiências, na qual o indivíduo interage com o outro aprimorando seus conhecimentos.

Ambos defendiam que a interação é parte fundamental do desenvolvimento infantil, porém, muitos docentes não reconhecem a centralidade da afetividade no processo de ensino-aprendizagem a afetividade, ao menos como pedagógica. Wallon (2007) propõe que a afetividade é tão importante quanto o pensamento no processo de desenvolvimento da criança. Para ele, a afetividade está presente desde o nascimento e influencia diretamente as interações sociais e a construção do conhecimento.



Com isso, as crianças chegam às salas de aula ainda em processo de distinção entre mãe e professora, casa e escola, liberdade e disciplina, o professor que trabalha sem reconhecer a afetividade e interação como primordiais no processo educativo desconsidera um processo de construção de conhecimento que ainda está se fundamentando. A emoção pode dificultar ou facilitar a aprendizagem, a depender da situação, os conflitos existentes no parquinho, no terraço, na divisão dos brinquedos, todos esses ambientes e situações são palcos para emoções que trabalham pedagogicamente no pensamento e na aprendizagem do indivíduo.

A afetividade e a interação estão na base da socialização e da aprendizagem, a valorização das relações com o outro, colegas, professores, profissionais da educação, família é essencial para o desenvolvimento cognitivo e emocional da criança.

Conhecer sobre essas teorias trazem implicações importantes para educadores e profissionais de todas as áreas das humanidades, pois o docente ao entender como a interação e afetividade se relacionam com a inclusão da pessoa com necessidades educacionais específicas passa a enxergar o que antes, sem o conhecimento sobre elas, não seria possível; passam a perceber que muito do que é posto como acessível ainda são barreiras e que a maior delas está na dimensão atitudinal.

Por isso, é de grande valia estudos sobre como a afetividade e interação podem contribuir para o desenvolvimento da criança pequena com necessidades educacionais específicas. Com a interação, os indivíduos trocam informações entre si, sejam elas do âmbito pessoal ou escolar, essas experiências ampliam o conhecimento e aprimoram um pensamento crítico social fazendo permear um ambiente com equidade. A afetividade está relacionada aos aspectos emocionais, de como a criança se sente ao dividir algo e entre outras relações sociais da criança com o social, esses conceitos na criança pequena revelam descobertas que podem ser fundamentais para promover ambientes inclusivos.

Segundo os intelectuais da psicologia educacional, para que ocorra desenvolvimento cognitivo, o indivíduo precisa ter prosseguimento nas relações interativas. O pensador Paulo Freire (1970), no seu livro "Pedagogia do oprimido", traz a importância de observar a realidade do aluno com uma visão humanizadora do saber ouvir e mediar tendo por base as vivências do aluno, para ele, isso é uma forma de aprendizagem que liberta o oprimido. Relacionando a inclusão, pode-se dizer que as crianças com necessidades educacionais específicas são excluídas, ou seja, oprimidas, e se permitimos novos caminhos e oportunidades, adicionando na aprendizagem uma troca de conhecimento e experimentação, possibilitará uma comunidade inclusiva.



Um dos principais contribuintes para a inclusão é a interação que funciona com a comunicação, e esse processo pode estar submetido a várias formas de linguagem, seja na oralidade, no visual ou escrita, auxiliando nas relações sociais

OS RELATOS DE EXPERIÊNCIA DE INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

As crianças com necessidades educacionais específicas (NEE), de acordo com estudos de Lev Vygotsky, contemplam o mundo numa perspectiva diferente do convencional, mas para a maioria dos docentes da educação infantil esse pensamento é invisível por não entenderem essa forma diferente de ver o ambiente ao seu redor, acarretando estagnação no desenvolvimento de ensino e aprendizagem do aluno com o professor e do professor para com o aluno.

Sabe-se que a interação proposta, é fundamental para que elas consigam aprender e progredir, pois um ambiente com dialogicidade e vivências, ressignifica o pensamento, modifica ações e emoções. Isso envolve atividades que estimulem as potencialidades de alunos com NEE, por meio de auxiliar no exercício de habilidades em um determinado componente, o aluno irá adquirir novos conhecimentos. Além disso, estas também auxiliam na psicomotricidade e na relação afetiva, associando e assimilando suas emoções de acordo com as situações apresentadas.

Na docência há um diagnóstico avaliativo para saber os conhecimentos prévios do aluno, mas não são todos que realizam esta avaliação, devido ser uma método exclusivo. A ineficácia na formação continuada negligencia a participação dos alunos nas atividades propostas pela instituição. Um exemplo disso é quando chega na sala um aluno com o laudo fechado em vários transtornos e o professor não conhece as especificidades, portanto não consegue trabalhar com o aluno. A ZDP é considerada um processo de mediação que deve ocorrer no cotidiano destes docentes, trazendo uma ampliação no conhecimento do mundo dos educandos.

“Um professor realmente ciente das responsabilidades que lhes são confinados deve tomar partido dos problemas de sua época. Ele não deve tomar partido cegamente, mas à luz do que sua educação e sua instrução lhes permite fazer. [...] Ele deve ser solidário com seus estudantes, aprendendo com eles quais são as condições de vida, por exemplo. Ele deve constantemente buscar novas ideias e modificar a si próprio, [...], e deve atender aos interesses de todos”. (WALLON, apud HÉLÈNE, 2010, p.30)

Portanto para Wallon, a educação infantil é a fase de descobertas de forma externas e interna, na os alunos começaram a compreender as necessidades de se expressar fazendo a



interligação com o emocional, e por isso o docente precisa ter uma imersão de como esta os sentimentos do aluno o que implicará em se atentar a realidade do aluno. Por conseguinte, modificar tais postulados na docência auxiliaria no desenvolvimento da autonomia do indivíduo, com a construção do pensamento crítico social, rompendo barreiras nesta sociedade.

SENTIMENTO DE INSEGURANÇA E FORMAÇÃO DOCENTE

Muitos profissionais da educação, colegas de profissão, se sentem frustrados ao receber em sua sala de aula um aluno com necessidade educacional específica. Esse sentimento embora comum é contraditório, pois todos os alunos têm plena capacidade e direito de aprender e o pedagogo que devidamente licenciou-se durante no mínimo quatro anos está apto a exercer essa função com proficiência. Ou pelo menos, assim espera-se.

No entanto, grande parte dos pedagogos expressam essa lacuna a ser preenchida na formação, por não ter adquirido em seu processo formativo inicial um aparato teórico robusto. Não podemos imputar as consequências dessas lacunas nos discentes de pedagogia de todas as graduações e instituições, pois bem é sabido que grande parte dessa falta decorre das desigualdades que nos rodeiam não permitindo que todos cheguem à universidade pública, tendo assim acesso ao conhecimento científico com maior qualidade e facilidade. Embora haja irresponsabilidade da rede privada, formando pedagogos em tempo conciso, deixando de lado questões importantes para a formação como a inclusão e seus aspectos, é de inteira responsabilidade do pedagogo buscar a formação continuada, em pesquisar sobre o desenvolvimento infantil e as relações ensino-aprendizagem.

Com isso, hoje mais do que nunca, evidencia-se por essas afirmativas que a formação iniciada não é suficiente para abranger as diversas práticas educativas e as realidades encontradas no chão da sala de aula. O currículo do curso de pedagogia das universidades públicas vêm passando por reformas e atualizando-se para incorporar as discussões atuais, mas ainda diante desses avanços, faz-se necessário uma formação continuada.

Ao que refere-se a prática, divulgada nas mais diversas plataformas midiáticas, encontramos uma valorização em seu fazer sem fundamentação teórica. Posição essa que deve ser repensada e reformulada. A formação do professor-pesquisador, que constitui a essência da profissão – uma vez que se não estudarmos, pesquisarmos, buscarmos informações não temos o que ensinar – acaba sendo banalizada e caindo em desuso.



De certo que, a prática é muito importante e foi usada de forma essencial pelos grandes pesquisadores e pensadores da educação para atestar as hipóteses e teorias levantadas – pois faz parte da pesquisa. Porém, o fazer pedagógico deve estar fundamentado em uma teoria consolidada, que também é flexível às mudanças e evoluções do corpo social no qual estamos inseridos.

Os autores que nos precederam, também podem ser questionados e nós como professores e pesquisadores da educação e desenvolvimento infantil, podemos discordar deles, porém tendo em vista que possuem alta carga de conhecimento já atestado na prática sua eficácia, muitos deles tiveram tempo de escrever e de revisar suas teorias. Aprender na prática nos resulta em experiências significativas e vivências de fundamental importância para o profissional que estamos construindo em nós, mas a prática sem intencionalidade ou fundamento é perigosa, pois tem grandes chances de ser estática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos achados apresentados, concluímos que os profissionais da educação têm seu importante papel na promoção de uma educação inclusiva efetiva, pois é direito do indivíduo e dever do profissional. Contudo, se torna custoso quando não há o devido apoio governamental, e quando os professores que são pesquisadores ativos de sua prática se conformam com o sentimento de insegurança decorrente da distância entre teoria e prática.

Com isso, existem métodos, assertivamente estudados e teorizados pelos autores Vygotsky e Wallon, como a interação e a afetividade que são fundamentais nesse processo de ensino aprendizagem com inclusão e respeito.

Apesar de serem autores com perspectivas diferentes, os temas se atravessam. A interação interdepende do processo de construção da afetividade. E tudo isso se constitui porque todos, sem distinção, somos seres sociais, ativos, dotados de linguagem, pensamento e conceitos formados sobre o que está à nossa volta. Com isso, evidenciamos que, precisamos uns dos outros, para que possamos construir conhecimento sobre o mundo em zona de desenvolvimento proximal.

AGRADECIMENTOS



Agradeço primeiramente a Deus pela oportunidade que me concede, pela orientadora Katia Regina que teve grande contribuição nesta obra, e também a minha parceira de trabalho Fernanda Karina, que acompanhou e embarcou junto comigo nessa jornada de pesquisa e por fim agradeço a minha mãe e minhas amigas, que nós deram muito apoio.

REFERÊNCIAS

- FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.
- GOLDENBERG, M. A arte de pesquisar. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.
- VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ARANTES, Valéria Amorim (org.). Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus Editorial, 2003.
- WALLON, Henri. A evolução psicológica da criança. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 65. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.
- GRATIOT-ALFANDÉRY, HÉLÈNE. Henri Wallon. Recife: Massangana, 2010.

